

## ESDRAS E O JUDAÍSMO REFORMADO\*

**"Levanta-te! Pois a ti compete  
agir... coragem e mãos à obra"  
(Esd 10,4)**

**\*\*Professor de Sagrada Es-  
critura no ITESP.**

**Donizete Scardelai\*\***

### **Resumo:**

*O a. apresenta a importância de Esd-Nee para a formação do judaísmo vinculado ao Segundo Templo. Três temas centrais, segundo o autor, definem a temática desta obra: reconstrução da muralhas e seu significado, a leitura da Torah e o casamento com mulheres estrangeiras. Depois de apresentar uma panorâmica das relações entre Israel com o governo persa, a peculiaridades do texto e seu estilo o a. discute o significado das muralhas como metáfora da dimensão de segurança e de construção da identidade do povo. Ao mesmo tempo, apresenta em linhas gerais, as estruturas elementares das instituições do novo êxodo e da reconquista da Terra. Os momentos ou estilos da linguagem empregada no texto são discutidos e avaliados em sua importância: oralidade e textualidade.*

### **Chaves:**

*História de Israel: pós-exílio; Esdras-Neemias; Segundo Tem-  
plo: construção.*

\*O presente texto é a primeira parte de uma série de artigos.

1 Devido à extensão deste ensaio, a *Revista Espaços* o publicará em duas partes. Essa primeira oferecerá um sobrevôo na literatura, com um rápido *Esboço Literário* dos livros de *Esd-Nee*. Em seguida será discutida a questão retórica *Os muros de Jerusalém: resistência ou isolamento?* — *Ne 2,11-20*. No próximo número de *Espaços* darei continuidade à discussão apresentando a segunda parte do ensaio.

### INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

*Esdras e Neemias* formam um único livro no cânon da Bíblia hebraica. O contexto histórico é o império persa, um dos

mais obscuros períodos da história de Israel. Paradoxalmente, nenhum outro período teve maior importância na formação do judaísmo do Segundo Templo. Trata-se de um dos maiores divisores de águas para se compreender as instituições de Israel que determinaram o judaísmo após o exílio babilônico. O desenvolvimento da sociedade e religião judaicas certamente teria tomado outro rumo se no centro das transformações não estivessem lideranças com projetos de reconstrução tão ousados, como Esdras e Neemias.

O presente ensaio pretende retomar o problema das reformas do judaísmo a partir do tratamento das fontes bíblicas, tendo como referência os valores do universo judaico. A dupla obra bíblica *Esd-Nee* aborda um intrincado universo do judaísmo *formativo*, um tempo de profundas transformações sociais e religiosas vividas no judaísmo do Segundo Templo. Israel vive um tempo de preocupações voltadas para a consolidação de instituições fortes, capazes de garantir sua sobrevivência: lideranças, identidade nacional, constituição da comunidade, restauração do templo, o novo espaço social e religioso — a sinagoga. Esse *renascimento* fez aflorar um forte sentimento de consciência nacional num povo que não mais dependia exclusivamente de fronteiras geográficas. A concepção do judaísmo do Segundo Templo é parte desse processo.

Proponho reavaliar o alcance das reformas de Esdras, mantendo como pano de fundo três eixos temáticos: (1) A reconstrução das muralhas de Jerusalém, sob a liderança de Neemias — Nee 2,11-20. Será demonstrado que Israel usou uma linguagem retórico-alegórica para falar de uma reconstrução mais ampla e significativa. A muralha em tempos de crises serviu de recurso retórico para fortalecer a unidade; (2) O que incorretamente chamamos de *dia do nascimento do judaísmo* — Nee 8. Veremos o impacto e as implicações da leitura solene da Torah na organização e formação do judaísmo do Segundo Templo; (3) O problema da rejeição do casamento com mulheres estrangeiras — Esd 9. A discussão trará à tona o problema do *puro e impuro*, segundo a concepção que Israel tinha de entender sua relação com o mundo pagão. Minha preocupação maior consiste em oferecer pistas de leitura que levem em conta o contexto religioso-cultural do judaísmo pós-exílico, cuja plataforma de maior expressão encontra-se na dupla obra de *Esdras-Neemias*. A *retórica textual* poderá iluminar muitos problemas e sugerir respostas interessantes.

O emprego do termo *Torah* deverá substituir o termo comum *Lei*, devido à conotação sensivelmente negativa embutida neste último. Assim, deve-se dispensar as tradicionais concepções herdadas de leituras distorcidas e contaminadas por

preconceitos atribuídos ao judaísmo *legalista*. Em alguns casos, torna-se urgente recuperar conceitos básicos, conforme ficará claro na divisão temática. É necessário esclarecer a associação entre Lei e *legalismo*, tornados sinônimos, particularmente à luz de interpretações oriundas do NT. A religião judaica, de fato, insiste na observância da Lei de Moisés como marca indelével da cultura de Israel, ponte que dá acesso ao sentido dos costumes e à vida, enquanto guiados pelos princípios da Torah.

## 1. ESBOÇO LITERÁRIO. ALGUMAS PARTICULARIDADES

2 Para facilitar o trabalho sem me deter num exame detalhado de toda a literatura bíblica de *Esdras e Neemias*, fiz um esquema prático de sua apresentação a partir de Shemaryahu TALMON, *Esdras e Neemias*. Em R. ALTER, *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo, UNESP, 1997, pp. 383-391.

Esdras e Neemias<sup>2</sup> constituem as principais fontes de que dispomos sobre a época do retorno dos exilados da Babilônia sob o domínio persa. As últimas obras do cânon da Bíblia hebraica — *Esdras-Neemias*, *Crônicas*, *Daniel e Ester* — foram escritas com o intuito de moldar a consciência social e religiosa, contemporânea ao escritor, a partir de tradições antigas desenvolvidas desde o período bíblico da monarquia. Esses escritos revelam as origens mais elementares de um vigoroso processo literário, desaguando no desenvolvimento e consolidação de métodos de leitura e interpretação das Escrituras pelos sábios e mestres judeus do Segundo Templo: o *Midrash Halachah* e *Midrash Aggadah*.

Esdras e Neemias são considerados um único trabalho no número dos 24 livros da Bíblia Hebraica. Esdras recebe tratamento especial dos judeus da era rabínica em diante, por tê-lo em sua tradição como um *Segundo Moisés*. A autoridade suprema da Torah de Moisés na cultura judaica pode ser confirmada ainda no primeiro século, especialmente à luz do tratamento dado pelo escritor de Mateus a Jesus como o *Segundo Moisés* (Mt 2-5).

*Esdras-Neemias* é formado por três unidades narrativas, cada uma com seu personagem central: (1) Esd 1-6. Etapa inicial da repatriação, com destaque para a liderança de Zorobabel e do sumo sacerdote Josué (538-515 aC), é acompanhada pela inauguração do Templo (6,16-18) e pela celebração da Páscoa (6,19-22); (2) Esd 7-10. Narrativa sobre as atividades de Esdras (*memórias de Esdras*), que chefia o retorno de outro contingente de judeus para a província de Jeú — Judéia (458 a. C.). Fala-se da expulsão das mulheres estrangeiras. O ponto culminante dessa segunda unidade é a *Leitura da Torah*. Assim, o livro de *Esdras* se resume em Esd 7-10 e Nee 8-9; (3) É onde se encontram as *memórias de Neemias* — Nee 1-7 e 10-13. Servindo como governador da província da Judéia, em 445-444, Neemias deve ter voltado à Pérsia em 433-432, após 12 anos como go-

vernador. Um ano depois retorna à Judéia para um segundo período no cargo, cuja duração não nos é conhecida (até 420?).

## 2. HISTORIOGRAFIA: O ALCANCE HISTÓRICO DAS NARRATIVAS

A *historiografia bíblica* pode ser ilustrada pela *narração em prosa direta* que é o modo como as três unidades de Esdras e Neemias estão estruturadas. Os escritores hebraicos deram especial ênfase a esse gênero como o mais apropriado para registrar os eventos históricos, em detrimento do gênero épico, conhecido nas antigas culturas vizinhas. A narração em prosa facilita uma melhor flexibilidade de estilo em relação ao fato histórico. A história na Bíblia aparece acompanhada de ficção remodelada em história, pois ela também reflete a influência de elementos míticos e épicos do Oriente Próximo. Essa influência, porém, foi significativamente reduzida após o Exílio.

A prosa historiográfica de *Esdras-Neemias* parte da narrativa histórica pura, esboçada a partir de suposta obra atribuída a Zorobabel, conduzindo o leitor até a narrativa parcialmente histórica e autobiográfica das *Memórias* de Esdras e de Neemias. Um exemplo que ilustra o gênero autobiográfico é o que ocorre no discurso de Esdras (Esd 7,27-28), presente desde o início de Neemias (Nee 1,1-4).

Na prosa histórica percebe-se a predominância da ação sobre a descrição, na qual os verbos são numericamente superiores aos substantivos, adjetivos e advérbios, ilustrado no texto de Nee 5,1-5: v. 2 — *somos muitos, tomemos (niqchah) o trigo para que possamos nos alimentar (nocklah) e viver (vê-nichiê)*; v. 3 — *temos que penhorar (orebim) nossas terras, nossas vinhas e nossas casas para que possamos adquirir (niqchah) o trigo para o sustento*; v. 4 — *tivemos que emprestar (lavvinu) dinheiro dos tributos do rei, penhorando nossas terras e vinhas*; v. 5b — *temos que entregar (kovshim — submeter) nossos filhos e filhas à escravidão*. Essa condição aponta para um diálogo dinâmico e participativo integrado ao texto, de modo que o diálogo antecipa o desenvolvimento e a definição dramática dos eventos — Cf. tb. Nee 4,1-7. A ação conclusiva está em Nee 5,13: *e o povo agiu (va-yaas) conforme esse compromisso*.

Esdras-Neemias forma uma compilação narrativa na qual foram inseridos documentos e fontes diversas, o que explica a descontinuidade dos eventos históricos. De Zerobabel (Esd 6,18) ao retorno de Esdras (7,1-10) contam-se cerca de 60 anos. Devido às lacunas aí deixadas, pouco se sabe sobre esse período.

do. Alguns eventos são totalmente desprovidos de informações mais precisas — Esd 2,1.68 = Nee 7,6.73; Esd 3,10; 4,1.7, etc. Poucos episódios fazem referência ao ano do reinado do rei persa — Esd 1,1; 5,13-4,6.

Certas expressões bíblicas parecem imprimir a idéia de seqüência cronológica: *Depois destes fatos* (Esd 7,1); *Feito isso* (Esd 9,1); *antes disso* (Nee 13,4). Mas não comprovam continuidade histórica, servindo apenas de *fórmula* de ligação literária. O redator de Esdras-Neemias registrou fatos que lhe foram contemporâneos. Isso é indicado num breve sumário de Nee 12,47, precedido por 12,1 e 12,26. Quando o redator se refere à fase primitiva do retorno do exilados (538-515), o tempo da escrita gira em torno do ano 400. Essa relativa aproximação aos fatos a que se refere não esconde a natureza histórica preservada nas narrativas. Assim o leitor poderia participar mais diretamente das mesmas convicções políticas, sociais e religiosas das quais o redator queria ser porta-voz.

### 3. OS MUROS DE JERUSALÉM: RESISTÊNCIA OU ISOLAMENTO? — NEE 2,11-20.

*Estais vendo a situação miserável em que estamos: Jerusalém é só ruínas, suas portas foram devoradas pelo fogo. Vinde! Reconstruamos as muralhas de Jerusalém e não seremos mais objeto de escárnio* (Nee 2,17).

A reconstrução das muralhas de Jerusalém por Neemias não se resume num ato físico isolado de levantar paredes de isolamento. Há outra questão de relevo alegórico a ser considerada aqui. Erguer muralhas é um meio simbólico de salientar o cumprimento da antiga promessa da ocupação da terra após a peregrinação de Israel no deserto do Sinai. Em Nee 1,8-9 encontra-se uma paráfrase das promessas de *Dt 30,1-5*, certamente fazendo eco ao último discurso pronunciado por Moisés, em *Dt 29-30*.<sup>3</sup> A função das *muralhas* reflete um extraordinário alcance metafórico. Como afirma Juan E. Cirlot, *a função de um muro, e seu papel no universo dos símbolos, tem um duplo sentido que é servir de defesa contra o que está fora, ao mesmo tempo em que serve para estreitar os laços com os de dentro de uma comunidade*.<sup>4</sup> Curiosamente, a tradição rabínica usaria esse mesmo recurso simbólico da *muralha*, séculos mais tarde, para *cercar a tradição*, assegurando dessa forma a centralidade da Torah na vida de Israel: *Moisés recebeu a Torah no Sinai e a transmitiu a Josué. Josué transmitiu-a aos Anciãos e os anciãos a transmitiram aos Profetas. Os Profetas transmitiram-na aos Homens da Grande Assembléia. Estes disseram três coi-*

3 Cf. G. DAVIES, Ezra & Nehemiah. Em D. W. COTTER (Ed.), *Berit Olam*. Studies in Hebrew Narrative & Poetry. Collegeville. Michael Glazier Book, 1999, p. 91.

4 Cf. J. E. CIRLOT, *A Dictionary of Symbols*. London, 1962, 343. Citado por G. DAVIES, 1999, p. 95.

*sas: 'Sede ponderados no exercício da justiça; suscitai muitos discípulos; fazei uma cerca em redor da Torah* (Mishnah Aboth 1,1).

Como veremos mais à frente, os casamentos mistos revelam um dos elementos mais caros da consciência étnica e preservação da unidade doméstica judaicas, diretamente atingidas pelas reformas para garantir os compromissos da aliança entre Israel e YHWH. A sobrevivência da família judaica, como organismo vivo, após o exílio, exigiu medidas sociais emergenciais, como o meio mais eficaz de garantir a identidade. A muralha não pretende ser a implantação de *apartheid*. As propostas de Esdras e Neemias trazem implicações práticas que atingem todos os graus do comportamento humano, de ordem social e religiosa, visando assegurar possibilidades de sobrevivência num ambiente que não era mais aquele em que Israel estava acostumado a viver anteriormente ao Exílio. A diáspora ampliou horizontes, estreitou laços entre culturas diferentes, eliminando fronteiras e promovendo a inculturação. Consequentemente, aos povos conquistados pelo Império Persa foi deixada a escolha: unir-se e assimilar-se ao império ou tentar manter a identidade. A reconstrução social e religiosa de Israel não passou pela ruptura política violenta do império. A muralha de Neemias pretende salientar que a identidade cultural de um povo não é objeto de negociação. A sobrevivência dependeu do ajuste entre os dois extremos: proclamar a autonomia nacional, opondo-se radicalmente à política de expansão persa, ou aliar-se aos interesses estrangeiros. O relativo sucesso das reformas de Esdras e Neemias precisa ser visto dentro do quadro da diplomacia persa. As mudanças não ocorreram abruptamente, não houve oposição frontal às autoridades imperiais persas e, portanto, não conhecemos grandes celeumas que marcaram as conquistas reformistas de Israel. A fé precisava ser confirmada num modelo de prática em que religião, sociedade e política sofressem ajustes profundos e urgentes, mas obedecendo a um processo politicamente não traumático. A Torah de Moisés foi o elo de ligação encontrado para responder aos desafios históricos de Israel. Foi esse elo que possibilitou à comunidade da restauração pós-exílica iniciar um processo de autodefinição, regulador e normativo que viria a formar o Judaísmo do período do Segundo Templo, dentro do qual nasceu Jesus e seu movimento.

Notamos que Neemias chega a Jerusalém com a missão de erguer muros (*nivneh et-khomah Yerushalaim*). Sua proposta, porém, não era encerrar Israel num ambiente socialmente alienado da realidade persa. O muro serviu de estratégia para predispor e envolver os judaítas na reconstrução da nação,

outrora arrasada. Esse gesto lançou um desafio permanente à comunidade, que perdura até os dias de hoje: Até onde podemos resistir e quando podemos ceder? Qual o grau de resistência de uma comunidade que, ao se defrontar com o drama da secularização e da inculturação, mostra-se capaz de manter-se fiel às suas antigas tradições e cultura? A construção das muralhas permite que os *portões* (*shaarym*) sejam simbolicamente mantidos como *janelas* do mundo. A retórica pode ter sido o modo mais seguro encontrado pelo *Cronista* para controlar e garantir a coesão e a unidade internas. O zelo pelas instituições deve assegurar a sobrevivência física de Israel sem que se perca de vista seu passado histórico. As *janelas* devem se abrir para o futuro de Israel (Nee 3: *Porta das ovelhas, porta dos peixes, porta do bairro novo*, etc).

Do ponto de vista prático, os *portões* trazem uma importância de controle interno. Devido às atividades comerciais, pode-se sugerir que a importância das muralhas se devesse ao controle mais rígido dos portões, por onde entravam e saíam os produtos comercializados. Esse controle resumir-se-ia apenas na preocupação comercial, aludindo ao controle dos produtos comerciais em vista da cobrança de impostos? Não se descarta esse interesse econômico. Vejo, no entanto, outra motivação, muito mais forte e significativa para o exercício do controle, no contexto das reformas: a centralidade do *Sábado*. Devido à santidade do *shabbat*, nessa ocasião toda espécie de comércio deveria ser rigorosamente suspensa (cf. Nee 10,32). A presença de guardas nos portões indica o propósito de vigiar e repreender as operações e tráfego de mercadorias e mercadores que se opunham às determinações. As restrições impostas tinham, portanto, como alvo garantir que a comunidade se organizasse de tal forma que o sábado fosse mantido como dia especial de assembléias para reuniões do culto. Percebe-se, daí, que já havia um forte indicador da consciência coletiva em transformar o Sábado numa instituição fundamental da autoconsciência étnica de Israel.

Quando entramos no universo bíblico é imprescindível saber que ali também nos deparamos com um mundo simbólico e imaginário, bem distante do nosso, e cheio de relações sociais complexas. Naturalmente, ficamos intrigados diante do esforço do *governador* Neemias, disposto a levantar muralhas com o intuito de cercar, *isolar*, Jerusalém. O que estaria imediatamente por trás dessa intrigante muralha? Para se isolar do mundo? Proponho que a entendamos num duplo sentido: o imediato — dar segurança física à população. A segurança seria uma das primeiras razões que levou Neemias a empreender esse trabalho, especialmente depois da trágica experiência da

destruição do Templo que lançou Israel no exílio babilônico. Não se deve perder de vista que Neemias sofreu enorme oposição dos povos locais, o que o levou a supervisionar as obras à noite (Nee 2,11ss); Não se deve descartar outro sentido — o metafórico — construído mais tarde pela força da tradição. Esse segundo sentido é, sem dúvida, o que determina as intenções e o significado interior da reforma já num estágio avançado. Podemos entender que Esdras e Neemias fazem um ato público e solene de renovação de aliança, colocando em seu centro a Torah, simbolicamente protegido pela *muralha*. Pretende-se, junto com a comunidade de exilados, confirmar que a Torah constitui, de fato, um *muro* protetor, capaz de garantir a identidade e sobrevivência de Israel. A esse *muro* prefiro chamar *tradição*, ou seja, a própria identidade de Israel.

A permanente busca da identidade subentende um processo consciente de traçar *distinções*, traço bastante presente no espírito reformista das atividades de Esdras-Neemias. Distinções culturais, porém, não implicam na oposição entre povos e etnias. O livro do *Gênesis* pressupõe essas distinções como obras da criação divina: noite e dia; o firmamento, as águas e a terra. Três itens encontram-se no âmago das discussões sobre as distinções após o exílio: (1) A *reconstrução do muro* marca fisicamente as fronteiras da cidade, o lar de Israel e a morada de Yhwh no Templo; (2) A *Leitura da Lei* é o processo de identificar canonicamente o que pode ser considerado *texto sagrado*; (3) A *Expulsão das mulheres estrangeiras* é a retomada do círculo familiar.<sup>5</sup>

5 Cf. G. DAVIES, *Ezra & Nehemiah*, o. cit. p. 129.

### 3.1. Instituições como razão de unidade

Ao avaliar o perfil das novas lideranças da reconstrução do Israel pós-exílico, de modo especial Zerubbabel, Esdras e Neemias, deve-se levar em conta a política de tolerância religiosa implantada pelo império persa em relação aos povos conquistados. Essa medida foi, seguramente, decisiva para imprimir novo ritmo no ideal de reconstrução nacional-religioso de Israel. A reorganização da comunidade judaica, de fato, encontra-se alicerçada na *Torah de Moisés*. Israel renasce das cinzas da destruição babilônica. Nas palavras de John Bright, podemos captar parte desse importante processo, originalmente espontâneo, nascido fora da Palestina: *Se Moisés foi o fundador de Israel, foi Esdras quem reconstruiu Israel e deu à sua religião uma forma pela qual ela pode sobreviver através dos séculos*.<sup>6</sup> Foi dentro do legítimo desejo de sobrevivência e pelo ideal de reforçar sua identidade, que os judeus liderados por Esdras e Neemias procuraram imprimir bases sólidas e práticas capazes

6 Cf. J. BRIGHT, *História de Israel*. São Paulo, Paulus, 1985, p. 529.

de garantir a continuidade de Israel. Os rabinos, pouco depois do NT, tentaram traduzir o mesmo espírito que moveu Esdras e Neemias ao transformar a religião e sociedade judaica em organismo vivo, traduzido na Torah: *Pirquei Aboth*, 1,1.

O livre trânsito de Neemias na corte persa levanta suspeitas sobre sua possível colaboração com o império persa. Essa atuação poderia comprometer ideologicamente a legitimidade do processo de reconstrução nacional de Israel. Neemias teria sido agraciado com concessões e favores do rei persa a custo de que? De fato, não há comparações entre Neemias e os heróis macabeus, pois aquele não agiu como líder de nenhuma revolta armada judaica. Em nenhum momento Neemias parece insatisfeito com as determinações superiores, nem disposto a trair a *confiança* junto ao rei persa. O livro não nos dá a mínima pista sobre revoltas populares contra a ordem persa com pretensões de levar a província da Judéia à soberania política. Ao contrário, a Neemias foi garantido o direito de viajar a Jerusalém com a finalidade de reorganizar a colônia de Judá, mantendo-a sob jurisdição persa. Esse tipo de lealdade, porém, não foi exclusiva a Neemias. O édito real não foi um privilégio aos judeus, mas extensivo a todas as outras províncias do império persa. Salienta-se, porém, que a estratégia de ocupação persa compreendia um grau de tolerância surpreendentemente inédita dispensada aos povos conquistados, atitude muito rara entre as grandes civilizações antigas.<sup>7</sup> É provável que essa atitude de tolerância fosse uma estratégia de controle sem violência, evitando interferências políticas violentas e desnecessárias nas culturas locais. A estratégia do conquistador tornara-se radicalmente diferente dos babilônios, compreendendo decisões e acordos palacianos que muito se aproximam da diplomacia moderna. O sistema de governo ordenado em satrápias exigia decisões descentralizadas, mediante a participação de lideranças locais de inteira confiança do rei. Não sabemos os critérios usados para a escolha dessas lideranças, mas pode-se supor que além de serem influentes da corte real, as lideranças de maior carisma manifestavam um ardente desejo pela reconstrução de seus antigos territórios, sem exigir soberania política. Medidas tolerantes tiveram função importante para manter os povos conquistados ainda sob controle, ao mesmo tempo em que promoviam a paz interna, evitando assim rebeliões desnecessárias.

As conquistas reformistas, vistas dentro das condições favoráveis da política imperial persa, consistiam em dois pontos fundamentais: Primeiro, as atividades de Esdras-Neemias tiveram aprovação explícita do rei persa. Contudo, não se deve justificar a singularidade da reforma de Esdras-Neemias pela

7 Cf. J. BRIGHT, *História de Israel*, o. cit. p. 525.

total autonomia de suas decisões em relação ao império, como se fossem portadores de poderes especiais dados aos judeus da Babilônia. Tampouco se admite que as lideranças agiam isoladamente a ponto de obrigar a comunidade de repatriados a obedecer às leis mosaicas. Segundo, seria um gesto de desobediência se impusessem medidas legais contrárias às normas e exigências políticas imperiais. Esse cuidado estratégico em não ferir frontalmente as normas imperiais é o que nos permite avaliar o grau de consciência do povo ao aceitar as leis mosaicas como normativas. Essa postura de imparcialidade política certamente conferiu legitimidade à reforma, produzindo resultados positivos na reorganização da comunidade. Da mesma maneira, os judeus não foram coagidos a aceitarem as leis mosaicas. Qualquer tipo de coação, contra o povo ou contra o império, seria provavelmente visto como desacato à política de tolerância persa. A reforma de Esdras permitiu estreitar os laços de identidade da comunidade dos repatriados na medida em que estabeleceu a Torah de Moisés como condição e pré-requisito indispensável aos judeus que ansiavam por reconstruir sua antiga pátria. Para isso era necessário se sujeitar livremente à Torah de Moisés segundo o que ordenava Esdras. O impasse estava temporariamente superado. Trata-se de equívoco imaginar que o processo reformista de Esdras fosse legitimado por medidas ditatoriais. Esdras não exercia poderes legais nem autoridade política para impor uma constituição que ferisse os princípios da tolerância persa. A singularidade de Israel não se justifica pela oposição política de Esdras à Pérsia, mas pela determinação de leis e normas que foram ajustadas para atender às condições e organização da vida judaica dentro do império persa.

A relação entre os poderes temporal e religioso torna-se questão crucial na história de Israel no período do Segundo Templo. Esd 10 expõe os limites dessa relação, situando Israel diante dos problemas de seu tempo. Esdras é favorecido tanto por Deus quanto pelo rei persa! No entanto, o texto mostra que em nenhum momento ele se encontra obrigando o povo a aceitar suas decisões, a não ser como força retórica. É notável como o livro de *Esdras-Neemias* não se ocupa com condenações a reis e autoridades da sociedade Israelita, como os profetas faziam antes do exílio. É mais próprio pensar no *universo do pós-exílio* como *um lugar cujas realizações ocorreram através de negociações, estratégias e paciência*.<sup>8</sup> Embora Esdras encarne um código de leis em tom persuasivo, não se pode dizer que ele se dirige à assembléia de Israel num tom autoritário e ameaçador. Sua fala à comunidade, depois de Esd 7 e Nee 9, reforça o princípio de que nenhuma comunidade torna-

8 Cf. G. DAVIES, *Ezra & Neemias*, o. cit. p. 59.

se forte suficiente, nem se constrói em cima de palavras apenas, mas mediante medidas e ações concretas.

### 3.2. O Novo Êxodo: o paradigma da reconstrução de Israel.

O projeto de reconstrução de *Esdras-Neemias* encontra-se ideologicamente inspirado na tradição popular do Êxodo, frente à realidade de afastamento da terra prometida, propósito do retorno, obstáculos encontrados, projeto de reconstrução, e no sucesso alcançado que culmina nas festas celebrativas de *inauguração*. Nee 9,9ss é uma clara releitura do Êxodo egípcio.

Esdras é apresentado com duplo título — *escriba* e *sacerdote* — incomum na literatura bíblica até esse momento. Num primeiro instante, a linhagem de Esdras o associa a Aarão (*Esd* 7,1-5), ponto indicativo da preocupação dos exilados em reconstituir e legitimar a classe sacerdotal. Num segundo momento, Esdras é apresentado como *escriba (sofer) versado na Torah de Moisés* (7,6). Pouco se duvida do trabalho de *escriba*, ponto chave que nos possibilita entender o motivo que torna Esdras ligado à corte persa. Ele ocupava cargo de secretário, comum a tantos outros funcionários de seu tempo, além de ser encarregado de tratar assuntos ligados à colônia judaica. Parece provável que Esdras ocupava importante posição, sendo uma espécie de secretário de confiança do governo persa. A ocupação desse posto reflete, em parte, o exercício de secretariado confiado pelo rei a alguém de confiança. A missão de Esdras seria, então, tratar de assuntos ligados à província de *Yehudá*. A tradição *Cronista*, ao destacar a atuação do escriba frente às comunidades judaicas, salienta o caráter decisivo do trabalho redacional simbolizado em Esdras.

Os dois títulos dados a Esdras podem sugerir a preocupação da tradição em estabelecer vínculos entre Esdras e Moisés. O texto hebraico emprega com frequência o termo *EBED*, usado indistintamente para *escravo* e *servo*, que aparece doze vezes em *Nee* 1-2, um forte indicador da relação que o autor pretende traçar com o *servo* Moisés: ... *estatutos e normas que havias prescrito a Moisés, teu servo* — *Et Moshê abdecha* (1,7) e, *lembra-te, porém, da palavra que ordenaste a Moisés, teu servo* (1,8). A figura de Moisés sempre esteve sujeita a lendas fantásticas na tradição oral de Israel (*hagadah*). A exemplo dos dois grandes estadistas da época monárquica, Davi e Salomão, Moisés tornou-se o modelo magno de legislador e libertador no qual lideranças emergentes deveriam se espelhar. Os paralelos entre ambos são diversos, passando de líderes de movimentos sociais de reconstrução, Profetas e Legisladores, a *escribas* versados na interpretação da Torah do Senhor. Também

Neemias ganha destaque em consonância com o modelo de libertador do Êxodo, Moisés. Evoca a linguagem do *Deuteronomio*, construída em cima da coragem exemplar de Moisés, o qual não se deixou *temer* diante dos egípcios. A oposição aos samaritanos (Esd 4 e Nee 4) revela a retórica da *guerra santa* para convocar o povo a não se dispersar<sup>9</sup>.

9 Cf. Dt 7,16-26; Ex 20,20.

A grande proeza de Esdras não se encontra no âmbito administrativo, nem bélico-militar, mas na *retórica*, uma poderosa arma de persuasão e diplomacia, comum entre os representantes palacianos persas. Esd 7, por exemplo, introduz uma argumentação baseada no caráter *persuasivo*, e traz como pressuposto um *plano de comunhão* para ligar o orador a seus ouvintes. A solidariedade ritual de Esdras o introduz no contexto retórico e na arte da comunicação. A retórica ocupa lugar relevante a ponto de sua autoridade ser entendida e aceita como *sabedoria de Deus* (Esd 7,25). Sobre ele repousa o poder de *estabelecer escribas* (7,25).

O clima de incertezas gerado com o Exílio babilônico, somado aos projetos de reconstrução nacional, levou as lideranças judaicas emergentes a lidarem com situações totalmente novas, inesperadas. Entre elas estava o difícil problema da relação e conflitos sociais entre as comunidades da Terra e os recém-chegados. A retórica mostrou-se, então, mais eficiente do que os conflitos bélicos dos tempos da conquista de Josué. A retórica foi a arma usada pelos líderes para reestruturar a sociedade judaica segundo uma nova postura, um modo de ser que definiu o próprio judaísmo do período do Segundo Templo. Era urgente reconstruir condições psicológicas favoráveis para a consolidação do processo de restauração de Israel, espiritual, religiosa e politicamente. A unidade nacional e religiosa deveria ser expressa através de instituições fortes, populares, legítimas e socialmente soberanas. Nesse projeto não havia lugar para as clássicas conquistas bélicas, como nos tempos de Josué. Os esforços das lideranças reformistas se voltam para o reconhecimento e legalidade das instituições judaicas, moldadas segundo as condições políticas permitidas pelo império persa. A comunidade torna-se cada vez mais coesa, e reforça sua existência através das *assembléias* (Sinagoga), no reconhecimento popular dos escribas, e na Torah de Moisés. Esta última, a fonte vital da interpretação das instituições e da sobrevivência histórica de Israel. A literatura de Israel após o Exílio é significativamente marcada pela elaboração das Escrituras, ocupação que marcou o processo de identificação de Israel com suas instituições, práticas sociais e religiosas vindas de um passado longínquo. Integrações dessa natureza foram decisi-

vas para amalgamar a própria identidade de Israel como povo enraizado na história, consolidando ainda mais sua auto-estima e autoconsciência étnica. Ambas foram decisivas para a formação da comunidade religiosa do período do Segundo Templo.

O aguçado espírito das escolas de escribas, sobretudo depois na Babilônia, desenvolvido durante o período persa, encorajou o interesse cada vez mais crescente da relação da escrita com a oralidade. Na relação estreita entre *Escrita* e *Oralidade*, o patrimônio cultural e religioso de Israel deveria ser garantido no ideal de continuidade das antigas tradições mosaicas. A *retórica* ajuda a situar melhor esse dinamismo ao relacionar Esdras como o legítimo herdeiro e *transmissor* das tradições de Moisés, responsável por *estabelecer escribas e ensinar a Lei a quem não a conhece* (Esd 7,25). Naturalmente, o problema da legitimidade e transmissão se manifestam em outras questões fundamentais ligadas ao judaísmo do Segundo Templo: a perenidade e transitoriedade da Torah<sup>10</sup>, sua recepção e transmissão. Do diálogo com a literatura da Torah escrita nasce um horizonte extraordinário de criatividade e interpretação. A percepção da função da linguagem contribuiu para o trabalho de ajustamento das antigas tradições de Israel, desenvolvendo releituras interativas que evocavam figuras, heróis e imagens antigas. Entre as mais expressivas, convém salientar os *ideais messiânicos*, gerados com a volta do exílio, o restabelecimento do profetismo, da realeza e das lideranças. Naturalmente, tais expressões ainda se caracterizam pela espontaneidade, não devendo ser equiparadas às categorias clássicas de épocas da apocalíptica posterior, nem definidas dentro de fronteiras doutrinárias precisas de profeta, rei e messiás. A linguagem opera profundas adaptações no modo de articular os eventos históricos, sinalizando novos rumos e possibilidades.

As tradições do *Êxodo* refletem uma das principais camadas temáticas da história de Israel. Não é por acaso que esse tema encontra-se fortemente vinculado à missão de Esdras-Neemias. O redator bíblico descreve Esdras em consonância com o destino de Israel, situando-o à frente do povo para exercer a função de mediador de Deus diante dos pecados do povo, como fizera Moisés depois da sua revolta e mediação no episódio do *Bezerro de Ouro* (Ex 32). A relação entre Esdras e *Moisés* parece não deixar dúvidas. O substrato ideológico bíblico da restauração de Israel, sob a liderança de Esdras e Neemias, deve ser buscado nas antigas tradições do *Êxodo* egípcio. A sutileza dessa relação, por sua vez, não deve obscurecer a releitura que o cronista certamente construiu através da história de Moisés.

10 Cf. Esd 7 e Nee 8.

Ele pretende mostrar outra realidade, histórica e concreta, situada no tempo da restauração, na qual uma nova geração está sendo desafiada ao cumprimento da antiga promessa.<sup>11</sup> O que está em jogo, portanto, não é o desejo de isolar Israel do mundo, muito menos o de reforçar diferenças étnicas sob o pretexto de limpeza racial programada. O drama está em como fincar raízes capazes de fortalecer Israel, dentro das condições da diáspora, contra as freqüentes conspirações políticas e raciais sofridas após o Exílio. O pano de fundo dessa reação de Israel transcende à esfera religiosa, e se encontra nas dispersões e ameaças de desestabilização nacional.

Nee 8-10 propõe um *Retorno à Terra* como novo, porém incompleto, *Êxodo*, pois Israel carece da posse da terra. O *Sinai* de Esdras apresenta como ponto de partida a *Leitura da Torah* (8,1-8), e se prolonga na memória sobre o Egito (9-10), uma clara evidência da releitura do Egito revivida numa nova libertação do cativo babilônico. Em Esd 9, como em Nee 9,36, o povo está em estado de *escravidão* dos persas (*anahnu abadim*) porque se recusou a ser *servo* (*abad*) de Yhwh. *Escravo* aqui implica na ausência de soberania política, mais do que na condição social do escravo egípcio. Para Esdras, porém, YHWH não os abandonou, mas mostra-lhes amor e bondade através dos reis persas (9,9). Todos os aspectos da teofania mosaica, por sua vez, foram eliminados. Não temos um chamado teofânico de Esdras-Neemias, contrário ao chamado de Moisés no episódio da *Sarça*. Os elementos teofânicos mosaicos, como *falar face a face com Deus*, também estão ausentes. Ao contrário de Moisés, a arma de Neemias não é um cajado, e sim um *dossier* de documentos oficiais. Ambos viveram na corte, Moisés no palácio do Faraó, e Neemias é um representante do rei persa que retornou definitivamente à Persia depois de *cumprir* sua missão junto aos repatriados. Atendendo às exigências de seu tempo, Neemias, ao contrário de Moisés, torna-se um delegado real e não um rebelde (Nee 2,19).<sup>12</sup> O *dossier* de Neemias não exige o emprego da força bélica, diferente da heróica atividade armada e guerrilheira ligada a Josué, nem manifesta o desejo especial de libertar o povo da opressão política estrangeira. O objetivo maior de Neemias consiste em delimitar-lhe novas *fronteiras*: social, política e religiosa, evitando confrontos militares.

É sabido o esforço do escritor Deuteronomista em retratar a figura de Moisés como protótipo de *Profeta* (Dt 18,15; 34,10). Em termos de *retórica textual*, Esdras e Neemias não são apenas continuadores da tradição profética do Israel pós-exílico, como também são um passo frente ao profetismo clássico.<sup>13</sup> Ambos se pronunciam dentro da linguagem e idioma profético.

11 Cf. W. BRUGGERMANN — J. R. DONAHUE (Eds.), *Land, Place as Gift, Promise and Challenge in Biblical Faith, Overtures to Biblical Theology* 1. Philadelphia, Fortress, 1977, p. 187.

12 Cf. G. DAVIES, *Ezra & Nehemiah*, o. cit. p. 92.

13 Cf. G. DAVIES, *Ezra & Nehemiah*, o. cit. p. 100.

cos, a ponto do próprio Neemias ser considerado profeta pela tradição rabínica tardia do *Talmud* — (*bBerit* 13<sup>a</sup>). O estilo profético de Neemias está próximo do *oráculo*, faz advertências e censura ao povo no tocante às questões da justiça ao pobre num grau que lembra *Isaias e Jeremias* (Nee 4,8.14.20; Cf. Is 32,6 e Jr 18,1.23). O povo parece responder rápida e prontamente à sua convocação, o que deve ser interpretado como recurso *retórico* e estratégico em consonância com Nee 1,1ss. Esdras e Neemias usam expressões proféticas, embora não o façam como profetas no mesmo grau e carisma do profetismo clássico. Eles continuam a tradição profética como *condição retórica* a fim de reforçar a relação com Moisés. Eles não *temem* o inimigo, assim como Moisés não *temeu* os egípcios, pois só YHWH é grande e temível (Ex 20,20).

## CONCLUINDO

A primeira parte dessa pesquisa colocou em destaque o alcance do discurso retórico como suporte para se compreender a reconstrução das *muralhas* por Neemias, o ponto alto da consolidação de um avançado processo de reformas iniciadas com o retorno dos exilados da Babilônia. Poder-se-ia ir muito além, com especulações em torno das possíveis intenções político-nacionalistas que teriam motivado Neemias a tomar frente nesse intenso movimento de reconstrução física, após a destruição de Judá por Nabucodonosor. Mas esse não é o propósito desse estudo. No próximo número de *Espaços* proponho continuar essa discussão mostrando dois outros pontos-chaves da Reforma de Esdras: (1) *Torah como espelho da memória de Israel: a Torah de Esdras* (Nee 8); e, (2) *Proibição de casamentos mistos* (Esd 9).

## BIBLIOGRAFIA

- BRIGHT, J., *História de Israel*. São Paulo, Paulus, 1985.  
DAVIES, G. F., *Ezra & Nehemiah*. Em D. W. COTTER (Ed.), *Berit Olam: Studies in Hebrew Narrative & Poetry*. Collegeville, Michael Glazier Book, 1999.  
KAUFMANN, Y., *A Religião de Israel*. São Paulo, Perspectiva, 1989 (Col. *Estudos* — 114).  
MYERS, J. M., *Ezra-Nehemiah*. THE ANCHOR BIBLE, 1965.  
TALMON, S., *Esdras e Neemias*. Em R. ALTER, *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo, UNESP, 1997, pp. 383-391.